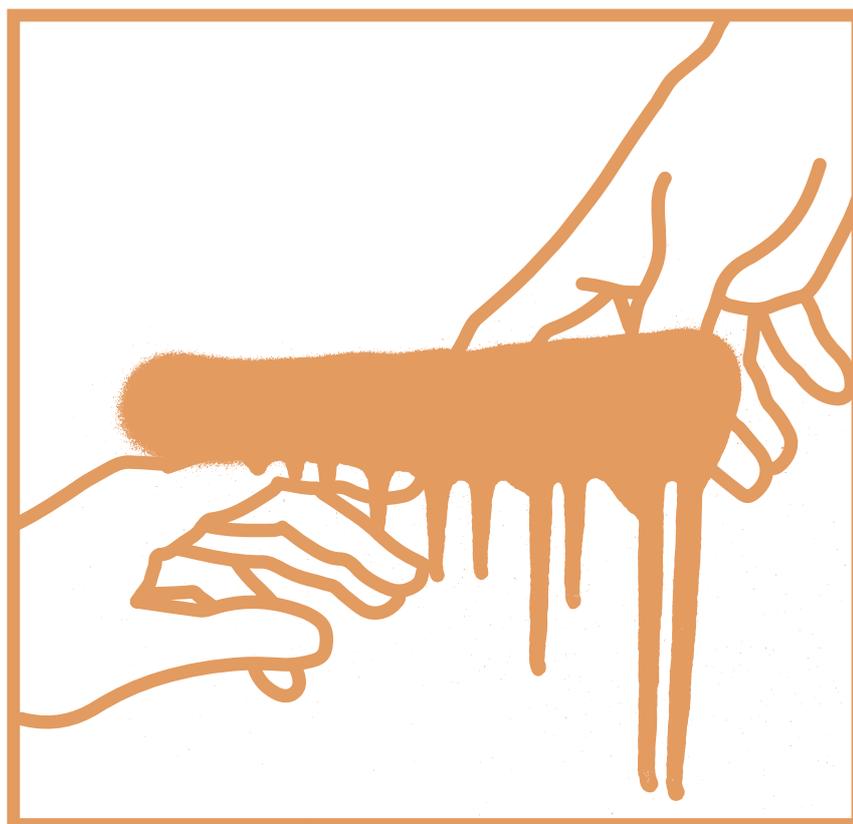


Caderno  
de Leituras  
n.79

série intempestiva |

# Um texto e suas circunstâncias<sup>1</sup>



<sup>1</sup> Este texto foi escrito (mas afinal não publicado) para o catálogo da mostra *Faça você mesmo sua Capela Sistina*, individual de Pedro Moraleida (1977-1999) no Palácio das Artes, de 1º de setembro a 19 de novembro de 2017.

## Rodrigo Moura

Para Camila, Cinthia, Marilá e Sara, também

Vou saindo de mansinho da exposição e quando dou por mim estou sendo perseguido por uma voz que me chama, que me grita, que me xinga, uma voz que tenho ouvido mais esses dias. Olho para trás e o que vejo é uma milícia, uma patrulha que acoessa a mim e aos outros visitantes da exposição. Numa espécie de delírio, vou decifrando o que diz essa voz: “chuta, bate, expulsa, mata”, ela vai repetindo no seu hino surdo e seco, como se viesse do chão, entrando pela planta dos meus pés e chegando aos meus ouvidos pelos ocos do meu corpo. Quando olho de novo o coro de esfacelados, suas mandíbulas se movem mas o som não sai de sua bocas. Ele está disperso numa massa disforme de frequências sonoras. São figuras sem feição, marionetes nas mãos de sei lá o que exatamente, e repetem o que as mandaram repetir. Embora talvez não saibam o que dizem, continuam a gritar: “chuta, bate, expulsa, mata”.

Essa imagem me veio enquanto andava pelas amplas calçadas da avenida Afonso Pena e deixava a exposição de Pedro Moraleida no Palácio das Artes, numa tarde particularmente quente, quando a falta de sono e de cafeína, junto ao calor e à secura, me faziam confundir sonho e realidade, vida e delírio total. Não que os bandos hostis estivessem ali naquela hora e naquele lugar, mas como se a voz tivesse entranhado nas calçadas, sendo ativada pelo meu palmilhar, primeiro indiferente e depois apressado, numa paranoia inevitável. A cada passo, um berro terrível de cantores medonhos que arregaçavam as bocarras para mim.

Voltei à exposição depois de algumas semanas. A voz não estava mais lá, e os trabalhos ainda estavam nas paredes (alívio!) e se expressavam de maneira inequívoca. *Faça você mesmo sua capela sistina*, dizia o título de modo profético. Ele se refere ao projeto megalômano do artista construir sua própria Capela Sistina, numa referência ao templo erguido no Vaticano pelo papa Sisto IV no final do *Quattrocento* reunindo a nata da pintura religiosa do Renascimento italiano. A intenção de Moraleida está manifesta logo na entrada da exposição, num desenho tosco com a planta baixa da capela. O que se construiu na galeria do Palácio, uma procissão de espaços dispostos em forma de cruz, é apenas um fragmento daquilo que ele planejou e pôde produzir, aproximadamente 1/6 do projeto original que ele criou aos 21 anos, um ano antes de morrer, em 1999.

Minha simpatia sempre foi maior pelo trabalho de Moraleida porque ele dispensa virtuosismo, academicismo e ideias pré-concebidas sobre arte – coisas que sempre desprezei. Sua ambição e desprendimento são inversamente proporcionais a seu apetite por essas noções. “Faça você mesmo” é o *motto* punk que aprendemos juntos quando fomos contemporâneos de escola, vizinhos e amigos, nos anos 1980 e 1990. É um grande clichê dizer que sua obra foi interrompida precocemente e que ele seria o maior artista daquela geração. Ela tem corpo e é complexa e refuta o vitimismo e a futurologia oportunistas (talvez hoje ele fosse engenheiro, se estivesse vivo). Quando olho pra trás me lembro de uma época em que sua obra parecia e era apenas a de um estudante sempre carregando livros, discos e baseados – como tantos de nós. Entre as obras daqueles que então convivíamos, a sua é a que mais acentuadamente traz a marca dos anos das descobertas estéticas, que incluíam Pere Ubu e The Residents, Hélio Oiticica e Bispo do Rosário, Fassbinder e Artaud – referências que a habitam.

Uma das pinturas mais famosas da Capela Sistina é justamente o Juízo Final (*Il Giudizio Universale*, 1536-1541), de Michelangelo Buonarroti, que cobre o altar da capela com a representação da segunda vinda de Jesus Cristo à Terra e do julgamento da humanidade por Deus todo poderoso. Como é sabido, boa parte das mais de 300 figuras foram originalmente pintadas como nus, com as genitálias posteriormente cobertas pela pudicícia contrarreformista da igreja operando pelas mãos do pintor maneirista Daniele da Volterra. Segundo consta, por admiração à obra original, ele manteve as alterações a um mínimo, sendo inclusive ordenado que cobrisse a cena que sugeria consumação carnal

entre santa Catarina e são Brás (o restauro que veio mais tarde não desvendou tudo o que foi coberto). Na visão escatológica do fim dos tempos, algumas almas são salvas enquanto outras vão para o inferno. Curiosamente, as que ascendem aos céus estão à esquerda enquanto as danadas estão à direita, indo abaixo. Está tudo em Roma (e na Wikipedia).

A relação singular, profunda e de admiração que a obra de Moraleida alimenta com a pintura religiosa não desperta, como é de se supor, as maiores simpatias de diversos segmentos da igreja. Quando apresentamos algumas de suas obras em uma individual no Museu de Arte da Pampulha (*Conjunção de fatores*, 2005) eu e o artista fomos chamados de hereges por um grupo neopentecostal que se revoltou contra pinturas que descreviam a relação sexual entre animais e seres humanos, como nas séries *Madonas sobre placas* e *Ich Will Doch Nur, Dass Ihr Mich liebt!!!* (Eu só quero que vocês me amem). Como eu expliquei então no programa de Eduardo Costa na rádio Itatiaia (agradeço a ele o esforço de mediar a conversa, que graças a ele acabou existindo), aquelas são pinturas e aqueles seres não existem a não ser naquelas pinturas, estando portanto isentos de antemão de quaisquer julgamentos que possam caber a nós mortais que, para bem e para mal, não vivemos nas pinturas.

Mal imaginava eu que 12 anos depois as reações iriam ser mais irracionais e ainda mais cheias de ódio. Desta vez, as coisas começaram onde as coisas começam hoje, na internet. Um vídeo de um político irresponsável, indigno de ser citado pelo nome, deu ensejo a uma cólera coreografada nos corredores do reacionarismo. As massas foram manipuladas, com os templos servindo como quartéis de soldados irrefletidos, e fileiras foram cerradas na porta da exposição de Moraleida, com ameaças de quebra-quebra. Pouco antes a exposição *Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira* tinha sido fechada no Santander Cultural, em Porto Alegre, por covardia dos próprios organizadores, que alegaram a ameaça de debandada dos seus correntistas como motivo. No MAM-SP, curadores e artistas fomos ameaçados fisicamente depois de uma performance com nudez no 35º Panorama da Arte Brasileira, com um vídeo de uma criança interagindo com a obra de Wagner Schwartz (seu próprio corpo nu), ter viralizado na internet. Menos de um mês depois, o MASP abriu uma exposição chamada *Histórias da sexualidade* e teve que baixar uma autocensura de 18 anos, abrindo um grave precedente em sua história, sob o risco de ser impedido de abrir a mostra. A imprensa falou em guerra cultural, mas o que aconteceu mesmo foi manipulação política disfarçada de moralismo. A arte virou presa fácil daqueles que pregam a intolerância e o medo como moeda eleitoral.

Tudo isso fez com que aquela voz no meu ouvido ficasse mais persistente, servindo como trilha sonora dos acontecimentos de setembro e outubro de 2017, numa trama kafkiana. Convidado meses antes pelos organizadores da mostra de Moraleida para escrever para o catálogo, à medida que o prazo foi aproximando me peguei pensando bem mais naqueles eventos do que realmente no trabalho. A oportunidade de falar de algumas das minhas séries preferidas, como aquelas já citadas acima e outras como *Corpo sem órgãos*, *Conjunção de fatores*, *Vasos intercomunicantes* e *Presidentes americanos e líderes comunistas*, me foi escapando pelos dedos. A contundência intelectual do artista, notável para sua juventude, seu impulso de organizar a produção por grupos de trabalhos atrelados a projetos de grande escala e fôlego, seu uso das linguagens dos quadrinhos, a composição diagramática de seus papeis, a disposição antihierárquica e hiperconsciente da história da arte, o pensar cantado em voz alta daqueles dizeres todos – todos esses desejos de leitura foram ficando apenas como anotações para uma outra vez.

Uma amiga em comum me escreve de longe uma carta e diz que não existe coincidência, que a exposição de Moraleida abrir agora tem uma sincronicidade que conspira, “e por mais que seja atacada é uma boa resposta às forças ocultas que resolveram dar às caras”... É difícil discordar de que haja aqui uma oportunidade para um confronto. Aquela voz do início do texto conseguiu ser posta para correr. É como disse um alívio saber que a exposição não foi fechada nem empastelada como prometeram os zumbis da calçada – pelo menos enquanto escrevo essas últimas linhas. Outro dia, a fila dava volta no saguão do Palácio, uma meninada chata tocava violão por ali, milhares de

peças viram a exposição (incluindo minha filha que fez 18 anos este ano). Aqueles que acreditam na arte como espaço para a liberdade, para a reinvenção do mundo, para a recarga das esperanças se uniram e defenderam essa visão. Marta Neves, com uma exposição simultânea no Palácio, leu um manifesto no plenário da Assembleia Legislativa. Caetano Veloso viu a exposição e disse que pensou em Hélio Oiticica. Escrevo sobre uma vitória, ainda que temporária, que é melhor do que nada. Muitas outras batalhas virão.

Termino com o próprio Pedro, num texto de tão longe e tão perto:

“Procuro, nestes trabalhos, usando imagens e personagens bíblicos, da mitologia grega, passar uma impressão agressiva e mórbida, utilizando também símbolos como pessoas desmembradas, pessoas urinando ou defecando e animais grotescos (lagartos, insetos, etc.). Eu busco passar este tipo de impressão para falar das características de nossa época, especialmente, das pessoas da minha faixa etária. Tento falar especialmente de certas características que me desagradam e me irritam profundamente na minha geração, como um conservadorismo disfarçado e um hedonismo que nada mais é do que um refúgio dos próprios problemas. Isto é tudo que quero dizer, o resto fica por conta de quem for ver.”

